

Sócrates Viajante: Algumas Figuras

Gilberto de Melo Caldat

Universidade Federal do Paraná - UFPR

 <https://orcid.org/0000-0003-4513-1584>

 <http://lattes.cnpq.br/2103925286785338>

gilbertomcaldat@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende apresentar o personagem do Sócrates platônico da *República* como uma espécie de viajante, utilizando-se para isso de algumas imagens de viagem que Platão lança mão logo no início de seu diálogo: a *catábasis*, a *theōriā*, as viagens náuticas, as jornadas de longa distância. Pretende-se com isso demonstrar que mesmo o sedentaríssimo Sócrates que, segundo Diógenes Laércio, não viajou senão em ocasiões de guerra, ou ainda, o Sócrates, o mais enraizadamente ateniense e dos filósofos, pode ser visto também sob o prisma de um certo nomadismo.

Palavras-chave: Platão; Sócrates; *República*; Filosofia; Viagens; Viajantes.

Abstract

This article aims to present the character of Plato's Socrates in *The Republic* as a kind of traveler, using some images of travel that Plato employs at the beginning of his dialogue: the *catabasis*, the *theōriā*, nautical voyages, and long-distance journeys. The aim is to demonstrate that even the very sedentary Socrates, who, according to Diogenes Laertius, traveled only in times of war, or even Socrates, the most deeply rooted Athenian of philosophers, can also be seen from the perspective of a certain nomadism.

Keywords: Plato; Socrates; *Republic*; Philosophy; Travel; Travelers.

Introdução

É conhecida a frase de Diógenes Laércio, em suas *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, que afirma sobre Sócrates o seguinte: “ao contrário da maioria dos filósofos, não lhe pareceu necessário viajar, a não ser em expedições militares” (LAÉRCIO. *Vidas* II, 22). Ora, se de um lado ela denota o sedentarismo consciente do ‘mais ateniense’ dos filósofos, de outro ela afirma que é prática comum ao restante deles essa espécie de nomadismo que os faz estranhos itinerantes sempre à procura do saber. Heródoto já assim o afirmava no livro I, 30, 2 de suas *Histórias*, onde Creso, referindo-se a Sólon, em uma das mais antigas referências ao termo filosofia, diz – “por amar conhecer, você muito viajou o mundo para contemplá-lo”¹ (*Hist.*, I, XXX) –. Além disso, são deveras famosas as viagens de Pitágoras, que teria ido ao Egito, a centralidade da metáfora do caminho para Parmênides, além das igualmente célebres viagens dos sofistas (esses sábios errantes) e de seu mais ferrenho opositor, Platão, que também, enquanto viajante, teria repetido a navegação de Pitágoras às terras sagradas do Nilo, além de se alçar mais de uma vez à Siracusa, buscando fazer, como é bem sabido, do tirano local, um filósofo à moda platônica. Inútil ainda é dizer que de Homero a Apolônio de Rodes, dos poetas errantes a Luciano de Samósata, a tradição das viagens permeia o mundo grego arcaico e clássico, assim como o mundo helenístico, suas sabedorias e literaturas, desde a épica até a filosofia e a sátira.

Sabendo disso, cabe-nos então a pergunta: será mesmo que não poderíamos colocar também o “sendentaríssimo” Sócrates na conta dos viajantes? Para nós, quiçá a resposta para isso possa ser ao menos indicada a partir de uma certa leitura já do cenário e dos livros iniciais da *República* de Platão, uma vez que ali, naquele pequeno passeio da acrópole até o porto, Sócrates perfaz, junto de Glauco, algumas figuras de viajante. Sigamos a elas.

1. Passeio Ao Pireu, A Catábase Socrática

Quando Sócrates desce com Glauco a noturna colina, da acrópole ao Pireu, na passagem inicial da *República* (PLATÃO, 327a), ele de alguma forma repete os

¹ Hós filosoféôn gen polén theôries: ὡς φιλοσοφῶν γῆν πολλὴν θεωρεῖς.

² A brincadeira aqui é com a própria descrição de Diógenes Laércio, para quem só em condições de urgência bélica Sócrates teria saído de Atenas.

passos heroicos de Odisseu, que buscara, através de sendas desconhecidas, o caminho de volta à casa.

É bem popular a passagem em que o herói itacense desce ao Hades³ para buscar, nesse espaço ignoto e invisível, a via certa para retornar até Ítaca, lugar onde clamaria novamente o trono que a ele, por direito, pertencia. De sua parte, qual um êmulo do herói homérico, o Sócrates platônico busca, ao descer ao Pireu das Bendideias⁴ – e “encontrando” por lá a Bela Cidade invisível da Filosofia: onde se escondera a justiça, a que nenhum herói antes galgara –, uma espécie singular de dádiva/resposta para “retornar” para sua Atenas bem-amada. Tão somente com o “paradigma dadivoso” da justiça em mãos – encontrado no chão do porto – é que Sócrates, assim como Odisseu fizera em sua ilha, poderá ‘clamar’, quando de volta à célebre cidade ática onde nascera, seu lugar, sua dignidade – agora não mais sendo alvo de zombarias e xingamentos – seu ‘trono’, enfim, de rei-filósofo.

Como Odisseu descendo ao Hades, Sócrates e Glauco também devem descer (*katében*) em inaudita viagem, portanto, ao sítio escuro, um tão somente iluminado por tochas e sob os augúrios de um grande sacrifício – a figura da morte em uma hecatombe de ao menos cem bois no solo consagrado do porto – como nos lembra Planeaux⁵. O espetáculo estrangeiro, que não devia em nada aos já tradicionais espetáculos locais, qual nos relata o Sócrates platônico, era, como nos é bem sabido, em homenagem à deusa semibárbara Bêndis, que se por um lado evocava os rituais noturnos e orgiásticos de Dioniso, como indica Dorter⁶, de outro lado se ligava ao herói trácio Deloptes, herói relacionado à cura, o que com certeza, nos tempos da epidemia que assolou Atenas no início da guerra do Peloponeso, alavancou a curiosidade e a esperança dos atenienses em relação à divindade e seu festival. Jacob Howland ainda nos remete à relação da deusa com a ideia de imortalidade, seu vínculo lunar traria consigo, para o intérprete, igualmente uma representação da constante renovação solar, o ciclo de vida e morte do sol⁷. A imagem trazida então pela deusa e seu espetáculo, cenário inicial do diálogo, já marca, destarte, a descida de Sócrates e Glauco ao Pireu, como uma descida que ao mesmo tempo que encontrará as escuras veredas

³ A descida de Odisseu ao Hades é descrita no Canto XI da *Odisseia*.

⁴ Espetáculo então ainda desconhecido dos atenienses, pois era ali festejado pela primeira vez em terras áticas.

⁵ PLANEAUX, 2000-2001, p. 176-177.

⁶ DORTER, 2006, p. 24.

⁷ HOWLAND, 2018, p. 17-18.

da morte, ali mesmo contemplará também o caminho da cura, da renovação, da nova vida, da imortalidade quiçá.

De resto, a própria imagem do porto do Pireu, se por um lado evocava o poderio naval ateniense, o que por si só poderia lembrar a cruenta e quase permanente situação de guerra entre os gregos, de outro lado poderia evocar uma zona de transição, de partidas e chegadas, o que o ligaria também, como quer Dorter, ao mito de Er e sua própria zona transitória, onde as almas dos mortos embarcariam de uma para outra vida⁸. Caso nos coloquemos ainda na perspectiva daqueles contemporâneos de Platão que receberam ou ouviram, vindo diretamente do forno, o texto do filósofo, seja na Academia ou nas ruas de Atenas, compreenderemos que eles poderiam constatar facilmente, pois também contemporâneos a eles, que a maioria dos personagens presentes no diálogo tiveram suas mortes ligadas à recente guerra do Peloponeso (Sócrates, Nicerato, Céfalo, Polemarco) e algumas vezes ao próprio cenário específico do diálogo, muito possivelmente Glauco (na batalha de Muniquia).

O fato que queremos marcar aqui fica mais evidente com isso, o cenário para o qual o filósofo e seu amigo partem é também uma espécie de submundo, de mundo dos mortos, onde o vulto da morte está presente, imenso, para qualquer direção que se olhe. Assim o passeio de poucos quilômetros que separam a acrópole do Pireu se transforma, sob a pena de Platão, em uma viagem insondável, viagem parecida com aquelas de Héracles, Orfeu e Odisseu. Uma *catábase*, uma descida ao mundo dos mortos, típica de personagens heroicos, aqueles que conseguem, de alguma maneira, transpor o intransponível – “quebrar a barreira do espaço e do tempo para ir ainda vivo ao submundo” (BERNABÉ, 2015, p. 16) –, saltar, geralmente na companhia de um deus ou de uma deusa, a extraordinária fronteira que separa o humano do divino, e, depois de tal inacreditável jornada até lá, ainda assim voltar, em *anábase*⁹, ao mundo daqueles homens que ainda seguem bem vivos. Se Glauco desce a tal mundo na companhia do semidivino Sócrates, aquele que se fez companheiro de Apolo ao seguir a missão dada pelo oráculo, Platão desce até lá guiado pela deusa

⁸ DORTER, 2006, p. 23.

⁹ Se ‘*catábase*’ é o termo grego a indicar uma descida, a ‘*anábase*’ é o termo que lhe é oposto e que indica uma subida. A *República* começa com a imagem de uma *catábase* feita por Sócrates e Glauco – desde a cidade alta de Atenas até o porto do Pireu – e termina com a imagem do retorno dos mesmos personagens, com Sócrates e Glauco perfazendo o caminho contrário, a saber, uma *anábase*, a subida de retorno de ambos desde o Pireu até a cidade alta.

semibárbara Bêndis, cabe a ela colocar o filósofo (e a nós, que o seguimos) nesse caminho exótico onde enfim encontraremos seu festival, seu ciclo constante de morte e vida, seu imortal espetáculo da verdade¹⁰.

Perfila-se aí então a primeira imagem do Sócrates viajante: aquela que figura o filósofo ao lado dos heróis que conseguiram ultrapassar a barreira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. O heroico Sócrates de Platão é, como eles, também capaz de uma *catábasis* mítica. Além disso, lembremos, é claro, que tal imagem de Sócrates prefigura o personagem ao qual ele mesmo se reportará duplamente no trecho final do diálogo: o filósofo modelar da alegoria da caverna e o mítico Er, figuras que são, nesse sentido, sob a pena platônica, duplos do próprio Sócrates descendo ao mundo dos mortos.

2. Passeio Ao Pireu, A *Theōriā* Socrática

Theōriā, em primeiro lugar, poderia ser dita, na definição de Ian Rutherford¹¹, uma “delegação religiosa” encarregada de ir a determinados festivais, sendo seus membros participantes desses enquanto observadores. O *theōrós* ou teórico ganharia ainda, partindo dessa primeira definição, o sentido de peregrino ou delegado cívico, aquele que teria como papel fundamental o de observar, de ser, para sua cidade, o vero, o oficial espectador de festivais. Ainda segundo o intérprete, os linguistas modernos pendem de um lado a outro sobre o real sentido da palavra *theōrós*, uns preferindo o caráter de observador (em sua generalidade) e outros o especificando enquanto observador de deus. *Theōriā* ainda poderia designar, segundo ele, em alguns casos, o próprio festival ou espetáculo ou ganhar o sentido geral de observação/contemplação, para lá de seu contexto estritamente religioso. A *theōriā* poderia ser ainda aquele festival assistido por homens sem ligação oficial com as cidades-estado e que o assistiriam em caráter privado. Em Heródoto, como vimos, a *theōriā* se refere às viagens dos homens sábios, como Sólon, feitas para explorar/conhecer. Resumindo tais sentidos, Andrea Nightingale, afirma o seguinte sobre tal prática cultural:

Na prática tradicional da *theoria*, um indivíduo (chamado *theoros*) fazia uma jornada ou peregrinação com o intuito de testemunhar certos eventos ou espetáculos. No período clássico, a *theoria*

¹⁰ A expressão “espetáculo da verdade” é utilizada por Platão, na passagem 475e de sua *República*, para descrever o que o filósofo deve ser capaz de, deve amar contemplar.

¹¹ RUTHERFORD, 2013, p. 3.

tomou a forma de peregrinação aos oráculos ou festivais religiosos. Em muitos casos, o *theoros* era enviado por sua cidade como um embaixador oficial: esse *theoros* cívico viajava para um centro oracular ou festival, lá assistia aos eventos e espetáculos, e retornava para casa com um relatório oficial de testemunha ocular. Um indivíduo poderia também fazer a viagem da *theoria* sob um caráter privado: o *theoros* privado, no entanto, responderia apenas por si mesmo e não precisaria publicizar suas “descobertas” quando retornasse para sua cidade. Tanto na sua forma cívica quanto na privada, a prática da *theoria* englobava toda a jornada, incluindo a saída de casa, o contemplar e a volta final. Mas em seu centro estava o ato de ver, geralmente focado em um objeto sagrado ou espetáculo (NIGHTINGALE, 2004, p 3-4)¹².

Tendo tal prática tradicional da *theōriā* no mundo clássico em conta, não é difícil relacioná-la, o que a própria Nightingale faz, ao nosso Sócrates platônico do início da *República*. Afinal, o que Sócrates e Glauco perfazem ali é exatamente o que a autora descreve como uma *theōriā* de caráter privado: descem ao Pireu para, por curiosidade, contemplar aquele novo festival em homenagem a uma deusa semibárbara, a saber, Sócrates e Glauco perfazem ali dois *theōroi* indo em *theōriā*, em uma pequena viagem ou comitiva de viajantes, a esse festival estrangeiro de caráter religioso. Mas, ao iniciar a volta, são barrados pela força de Polemarco e seus amigos. Curiosamente essa figura da *theōriā* reaparecerá ainda com mais pungência na alegoria da caverna, onde o filósofo paradigmático imaginado por Sócrates, é “um novo tipo de *theōrós*” cívico, que sai de sua terra cavernícola para contemplar o espetáculo da verdade, tudo isso com a obrigação, o dever de voltar a ela com seu relatório de testemunha ocular em mãos. Mas permaneçamos, para aquém de tal encruzilhada, ainda no cenário inicial do diálogo, onde Sócrates claramente é um *theōrós*, um viajante curioso atrás de um inédito festival religioso.

3. Sócrates No Pireu, A Náutica Socrática

Nos anos 1910, João do Rio assim descreve o porto do Rio de Janeiro:

Não nos admiremos. Somos reflexos. O beco da Música ou o beco da Fidalga reproduzem a alma das ruas de Nápoles, de Florença,

¹² Tradução nossa.

das ruas de Portugal, das ruas da África, e até, se acreditarmos na fantasia de Heródoto, das ruas do antigo Egito. E por quê? Porque são ruas da proximidade do mar, ruas viajadas, com a visão de outros horizontes. Abri uma dessas pocilgas que são a parte do seu organismo. Haveis de ver chineses bêbados de ópio, marinheiros embrutecidos pelo álcool, feiticeiras ululando canções sinistras, toda a estranha vida dos portos de mar. E esses becos, essas betesgas têm a perfídia dos oceanos, a miséria das imigrações, e o vício, o grande vício do mar e das colônias... (RIO, 2008, p. 38).

Ora, se João do Rio não fala da Ática, em sua descrição, é por mera casualidade, pois obviamente o porto do Pireu devia ser, à época de Sócrates e Platão, como ainda são os portos, prenhe desses exotismos, dessas cruezas, dessa algaravia entre o sagrado e o profano, desses outros horizontes, dessas gentes em busca da nova vida e encontrando por vezes a morte, como bem descreve o autor carioca. Sócrates, por sua vez, filho de parteira e escultor, companheiro de Eurípedes, caso acreditemos em Diógenes Laércio, devia se sentir mais em casa entre esses homens rudes – de destino trágico – do Pireu, do que entre os falsos sábios da acrópole: como os nautas do Pireu, Sócrates é também uma espécie de nauta, um piloto de navio à procura de novíssimos e invisíveis horizontes, onde o filósofo, enfim, depois de sua dura jornada até lá possa se sentir em casa. Não à toa, quando cria uma parábola para falar do atroz tratamento que recebem os filósofos nas cidades (PLATÃO, 488a) e o quão deslocados ali eles se encontram, a metáfora que surge em sua imaginação é a de um navio que perde sua boa governança a partir da corrupção dos demais marinheiros, marinheiros esses que “não têm a mínima noção de que para ser piloto de verdade é preciso estudar o tempo, as estações e o céu, bem como os astros e os ventos e tudo quanto cai no âmbito de sua arte, se quiser, de fato, comandar o navio” (PLATÃO, 488d). O trabalho de Sócrates aí, no noturno Pireu, portanto, é bem governar os seus nautas (Polemárcio, Trasímaco, Glauco, Adimanto e companhia), mesmo com a força contrária que fazem, mesmo que, em sua navegação, ele deva se utilizar de correntes e ondas paradoxais para aqueles que não sabem do bom navegar, a maioria de seus concidadãos.

A imagem do filósofo-nauta em seu porto ainda obviamente nos fará lembrar da outra metáfora fundamental para o Sócrates platônico, aquela da *segunda navegação*, apresentada no *Fédon*, expressão tirada da linguagem dos marinheiros. Tal expressão, como nos diz Giovanni Reale, refere-se a um tipo de

navegação mais difícil, mais exigente, a “que se leva adiante sem remos quando se fica sem vento” (REALE, 2014, p. 52), aquela que nos levará do mundo da sensibilidade ao mundo inteligível, aquela que nos levará do porto do Pireu, pouco distante da Atenas histórica, até a eterna Bela Cidade do Sócrates platônico. Ao fim e ao cabo, mais do que Odisseu, nauta por acaso, Sócrates é o nauta que empreende conscientemente a mais difícil das navegações.

4 . Um Viajante de Longas Distâncias

Pensar é também se deslocar, ver uma vez possível a brecha da ruptura, a fresta fulcral que poderá quebrar as correntes do aqui e do agora para nos lançar no abismo sem fundo do espaço e do tempo, da infinita utopia, da eternidade invisível quicá. É um remédio sutil para a irrefreável urgência das paixões, para a violência dos preconceitos, para a aspereza das religiões e das éticas mais duras. Pensar é estar em constante espanto, não temer se abrir e ir de encontro à desconhecida maravilha ou horror, é quebrar os grilhões do hábito, é o que nos faz abismar para além do habitat mezinho que o nosso corpo ainda teima frequentar: como bem poderia meditar um pensador antigo, mesmo encarcerado, pensando eu poderei estar em qualquer lugar do mundo, a qualquer momento que eu quiser, pois assim mantenho minha íntima liberdade, podendo estar sempre em trânsito, em inaudita e pessoalíssima viagem.

E à filosofia é dado pensar, mas não qualquer pensamento, senão o mais radical, aquele que possa reunir em si o que os antigos mestres da verdade detinham, cada um em sua sacra capanga: a capacidade de julgar o presente, como os reis; a potência gloriosa ou infame da memória, como os poetas; o insondável futuro, como os profetas¹³. Pensamento que reúne em si, no final das contas, as facetas mais potentes da verdade: o que os pré-socráticos chamaram de *princípio* e Aristóteles de *causas primeiras*, o que Platão chamou de *forma*, *ideia*, *Bem*, o que Hegel chamaria de *espírito*. Pensamento radical acerca da origem (o que põe em movimento e destina), a saber, o mais radical deslocamento, a mais insólita viagem, a filosofia.

E dentre os pensadores radicais, o Sócrates platônico, assim como seu filósofo modelar (seu espelho ideal), está entre os mais radicais. Dentre os viajantes do pensamento, está entre os mais insólitos; dentre os itinerários possíveis, perfaz o mais difícil; dentre as abertas distâncias, perfaz a mais superlativa. E esse Sócrates que replica um viajante de longas distâncias é aquele

¹³ Referência ao texto clássico de Marcel Detienne: *Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*.

que, depois da longa jornada, trará consigo, como costumam trazer tais viajantes, o poderoso mistério da alteridade¹⁴, sua metafísica verdade. E Platão assim o revela, descrevendo o itinerário socrático no início de sua *República*, um que navega desde a mezinha economia da justiça, discutida com Céfalo e Polemarco, até as mais “selvagens” invectivas de Trasímaco, as invisíveis terras bárbaras de Gíges e o não-lugar de sua *Bela Cidade*. O Sócrates platônico, como os mais extraordinários nautas helenos, também soube muito bem achar nas vagas as melodias do céu¹⁵.

5 . Para Uma Breve Conclusão

Caso não tenha sido um viajante, no sentido estritamente histórico do termo, como tantos outros sábios e filósofos, ao menos esse Sócrates platônico da *República* nos aparece como um alguém deslocado, alguém que, por seu próprio modo de vida, por sua constante ânsia de transcendência, estava sempre a ir além das fronteiras cotidianas daquele mundo que lhe era contemporâneo. Ao caminho natural dos de seu tempo, ele perfaz o impasse, o ir sempre adiante de, a *aporia*, a encruzilhada. Como um *theōrós*, ele é um itinerante a ir, buscar contemplar o espetáculo da verdade e voltar; como um nauta, ele se alça do porto em direção às mais exóticas e inauditas paisagens, torna-se um viajante de longas distâncias; como um herói a perpetrar sua *catábasis*, ele desce ao mundo dos mortos, mas, no diálogo platônico, ele eternamente de lá volta, em uma *anábase*, para uma Atenas que não é mais uma Atenas histórica, morta entre mortos, mas sim todas as cidades do mundo, de todos os lugares e tempos pós-socráticos, todas aquelas que sonham, com Sócrates, encontrar, ao mirar o infinito horizonte, o extraordinário espetáculo da mais bela e justa das cidades, lá onde se ouvirá para sempre Sócrates a dizer:

Se aceitardes meu conselho e admitirdes que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males como todos os bens, manter-nos-emos no caminho ascendente e praticaremos de todo modo a justiça e a virtude. Só assim nos tornaremos amigos de nós mesmos e dos deuses, não apenas durante o tempo que permaneceremos nesta vida, como também depois de recebermos a recompensa da justiça, à feição dos vencedores dos jogos

¹⁴ Ao viajante de longas distâncias cabe um status diferentes não somente no enquanto da aventura de sua viagem, mas também quando de seu retorno (HELMS, 1988, p. 81).

¹⁵ Referência a um verso de Castro Alves em seu *Navio Negreiro*.

que recolhem de todos os lados seus troféus, e seremos felizes aqui a terra e na viagem de mil anos que já vos descrevemos (PLATÃO, 621c-d).

REFERÊNCIAS

ALVES, C. *O navio negreiro e outros poemas*. Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2022.

BERNABÉ, A. What is a Katábasis? The descent into the Netherworld in Greece and the Ancient Near East. *Les Études Classiques*, Namur, v. 83, p. 15-34, 2015.

DETIENNE, M. *Mestres da verdade na Grécia arcaica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

DORTER, K. *The transformation of Plato's Republic*. Oxford: Lexington Books, 2006.

HELMS, M. W. *Ulysses' sail: an ethnographic odyssey of power, knowledge, and geographical distance*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

HERÓDOTO. *História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

HOWLAND, J. *Glaucon's fate: history, myth, and character in Plato's Republic*. Philadelphia: Paul Dry Books, 2018.

LAÊRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

NIGHTINGALE, A. W. *Spectacles of truth in classical Greek philosophy: theoria in its cultural context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

PLANEAUX, C. The date of Bendis' entry into Attica. *Classical Journal*, Baltimore, v. 96, n. 2, p. 165-192, dez./jan. 2000/2001.

PLATÃO. *A República*. 4. ed. Belém: EDUFPA, 2016.

REALE, G. *Platão*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RIO, J. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RUTHERFORD, I. *State pilgrims and sacred observers in ancient Greece: a study of Theōriā and Theōroî*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.